

**«ANIVERSÁRIO» DE MÁRIO DIONÍSIO:  
AUTO-RETRATO POÉTICO AOS QUARENTA E QUATRO ANOS**

*Teresa Jorge Ferreira\**

Comemoramos neste Congresso Internacional o centésimo aniversário de Mário Dionísio, nascido em Lisboa no dia 16 de Julho de 1916, na «rua Andrade, número dois, rés-do-chão, ao canto do piano» – assim o escreve Mário Dionísio no início da sua *Autobiografia*, contando o que costumava responder quando lhe perguntavam: «onde é que tu nasceste?»<sup>1</sup>. No âmbito desta comemoração, considero oportuno reler o poema “Aniversário”, datado de 1960 e incluído no conjunto *O Silêncio Voluntário*, da antologia *Poesia Incompleta*, de 1966:

Aniversário

Quarenta e quatro anos Uma vida  
já no fim ou no meio tanto faz

Não encontrar sabor aos desenganos  
Começar sem dar por isso a dizer um rapaz  
da minha idade  
duma pessoa conhecida  
que sobe as escadas com dificuldade

Sentir-se um pouco a mais onde se dança  
onde se espera onde se ri sem ter de quê  
Já quase desdenhar do que nunca se alcança  
Considerar sem apetite o que se vê

Desejar nervosamente a solidão  
Querer e não querer viver tudo uma outra vez  
Perguntar se valeu a pena o que se fez  
dizer que sim pensar que talvez não

---

\* Doutoranda em Estudos Portugueses na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Bolseira de Doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Investigadora do IELT – Instituto de Estudos de Literatura e Tradição.

<sup>1</sup> Mário Dionísio considera a «rua Andrade» e o «piano» os dois «vectores» da sua vida: um paterno, associado ao «respeito pelo trabalho e pela palavra dada, [a]o dizer as coisas cara a cara, [a] uma costela ainda orgulhosamente popular», e outro materno, ligado ao «amor pela arte, [à] atracção do invisível e [a] um pendorzinho aristocratizante que há em todo o artista, seja ele qual e como for» (MD, *Autobiografia*, Lisboa, O Jornal, 1987, pp. 8-9).

Começar a ser ridículo e deixar  
que contem pois que contem histórias infinitas  
Gostar de não ouvir de não saber e já pensar  
que as raparigas todas são bonitas

Ter a ilusão ou fingir ter  
de que nada disto assim é naturalmente  
E ocultá-lo bem por bem saber  
como nunca saber o que é conveniente  
ou apenas prudente não dizer

1960<sup>2</sup>

Se considerarmos os dois elementos que acompanham o texto do poema – o título e a data –, confirmamos que Mário Dionísio celebrou em 1960 o seu quadragésimo quarto aniversário. O primeiro verso liga uma idade, «quarenta e quatro anos», a uma vida, «já no fim ou no meio». Atentemos nesta relação entre o aniversário, a idade e a vida. Por um lado, o aniversário remete para uma ocorrência cíclica: a palavra vem do latim *anniversarius*, adjectivo relativo a algo que acontece todos os anos, já que resulta da junção de *annus* (ano) e de *versus*, particípio passado de *vertere* (voltar, regressar). O que volta todos os anos é o dia do mês no calendário. Por outro lado, a idade estabelece um marco num percurso linear, num acumular de anos que se faz pela progressão numérica: a indicação do ano no final do poema reforça essa ideia, porque o ano – 1960 – só acontece uma vez no calendário, o ano não se repete, reforçando a noção de linearidade.

O poema é publicado na primeira edição de *Poesia Incompleta* e, como quase todos os poemas do conjunto *O Silêncio Voluntário*, era inédito (havia apenas dois poemas que já tinham sido publicados e que, na segunda edição, mudaram de conjunto). No índice de *Poesia Incompleta*, as obras estão todas indicadas com a respectiva data, mas apenas os poemas de *O Silêncio Voluntário* vêm datados individualmente – não só no índice, como também no final de cada composição. Note-se ainda que todos os poemas deste conjunto têm título e há, em *O Silêncio Voluntário*, vários deles relacionados com o tempo: “Eterno retorno”, “Com a data de hoje”, “Quatro páginas de um diário esquecido” (com quatro secções: 5 de Maio; 6 de Maio; 2 de Junho; 15 de Julho), “Para ser lido mais tarde”.

Com efeito, se o aniversário reforça o carácter cíclico do calendário, o ano inscreve a data num percurso linear, sugerindo o «*chaque-fois-une-seule-fois*» que Jacques Derrida menciona a propósito da inclusão da data no poema.<sup>3</sup> É esse percurso linear, marcado por acontecimentos cíclicos, que constrói uma história de vida pessoal («Quarenta e quatro anos Uma vida») – uma vida enquanto experiência global, balizada por dois momentos (o nascimento e a morte) que estão assinalados no início do poema, com as referências ao «Aniversário» e ao «fim». Perante a certeza da mortalidade, o poema afirma-se como um gesto vital, escrito “em directo” dos quarenta e quatro anos – não se apresenta como uma recordação do passado nem confia numa “esperança média de vida” que assegure que o percurso está apenas a meio, convocando o célebre verso inicial de *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri: «Nel mezzo del cammin di nostra vita».<sup>4</sup>

<sup>2</sup> MD, *Poesia Completa*, Lisboa, INCM, 2016, pp. 170-171.

<sup>3</sup> Jacques Derrida, *Schibboleth pour Paul Celan*, Paris, Galilée, 1986, p. 26.

<sup>4</sup> Dante Alighieri, *A Divina Comédia*, Trad. Vasco Graça Moura, Lisboa, Quetzal, 2015, pp. 30-31.

Mário Dionísio recorre à expressão «escrevivo» na sua *Autobiografia*<sup>5</sup> e afirma também em “Arte poética” que a poesia «está na vida», «está em tudo quanto vive, em todo o movimento»<sup>6</sup>. Tomando como pretexto uma data que ocorre anualmente, vai elaborar em “Aniversário” o seu auto-retrato aos «quarenta e quatro anos», numa enumeração de características que começam com verbos no infinitivo: «Não encontrar», «Começar», «Sentir-se», «desdenhar», «Considerar», «Desejar», «Querer e não querer», «Perguntar», «dizer», «Começar», «deixar», «Gostar», «pensar», «Ter [...] ou fingir ter», «ocultá-lo», «saber». Os verbos no infinitivo orientam a leitura para o retrato de uma qualquer pessoa com quarenta e quatro anos, mas a indicação do ano inscreve o poema num percurso biográfico autoral e a utilização do pronome «minha» reforça a ideia de que este poema é sobre a “minha idade”, sobre “mim”. Ou seja, há um efeito simultâneo de afastamento e de aproximação entre o poema e a biografia do autor, mas Mário Dionísio não deixa de manifestar um gesto intencional de falar sobre o eu autoral, mesmo não usando o pronome. Deste modo, é considerando o movimento da vida que se constrói “Aniversário”, sendo que algumas expressões usadas no poema dão a impressão de mudança em relação ao que era antes: «Já quase desdenhar do que nunca se alcança», «Começar a ser ridículo», «já pensar / que as raparigas todas são bonitas». O presente destes quarenta e quatro anos relaciona-se com o passado, com vivências anteriores, ao mesmo tempo que admite o futuro – não é imóvel. O poeta propõe mesmo uma avaliação do passado, quando refere «Querer e não querer viver tudo uma outra vez / Perguntar se valeu a pena o que se fez».

É relevante notar que na *Autobiografia*<sup>7</sup> surge a mesma interrogação: «Valeu a pena? A vida me ensinou que muito pouco vale a pena, mesmo se a alma nada tem de pequena».<sup>8</sup> Esta pergunta poética, que alude aos versos de Fernando Pessoa como expressão proverbial, acompanha o autor ao longo da sua produção, particularmente em relação à escrita. Mário Dionísio afirma que a escrita lhe dá muito «trabalho», que é perfeccionista e «doentio», atento à exigência do ritmo.<sup>9</sup> E termina mesmo a *Autobiografia* citando uma página do seu diário sobre a escrita:

À defesa, abro o meu irregularíssimo Diário num dia de 63, aí calhou, e leio-o como se a data fosse a de hoje: «Não queiras que cada página seja um monumento. Não queiras tudo. É o melhor caminho para não encontrares nada. Não te sintas esmagado pelos grandes nem condoído com a falência dos que detestas ou desprezas ou apenas lamentas. Escreve. Esquece tudo, tapa os ouvidos, mete-te bem na tua experiência, só na tua experiência. Grande ou pequena, é o que tens. Não desanimes, não desistas, não te perturbes com a indiferença dos outros, não te entusiasmes com os aplausos dos outros. Escreve! Escreve!».<sup>10</sup>

A relação com os outros é também uma marca comum importante da *Autobiografia* e do poema “Aniversário”. Se, neste último, o poeta afirma que se sente «um pouco a mais

<sup>5</sup> MD, *Autobiografia*, op. cit, p. 50.

<sup>6</sup> MD, *Poesia Completa*, op. cit., pp. 56-57.

<sup>7</sup> Refira-se que a *Autobiografia* (op. cit.) começa com a frase «Contar a minha vida.» (p. 5), associando o ano de nascimento, 1916, à «Grande!» guerra mundial (p. 6). Ao longo do texto, o autor reconhece um percurso de mudanças: «No fundo, as pessoas mudam, eu próprio terei mudado alguma coisa» (p. 42).

<sup>8</sup> *Ibid.*, p. 36.

<sup>9</sup> *Ibid.*, pp. 62-63.

<sup>10</sup> *Ibid.*, pp. 72-73.

onde se dança / onde se espera onde se ri sem ter de quê» e que deseja «nervosamente a solidão», na *Autobiografia* admite que o seu «estilo de vida [...] há-de parecer meio monástico», pois não «frequent[ou], já homem feito, meios de boémia artística ou faz de conta que sim». <sup>11</sup> Mas Mário Dionísio considera este esforço de «distanciamento» em relação ao que o rodeia «cada vez mais indispensável»: «mesmo “eu”, quero-me “ele”. Mas só me interessa de verdade o que está perto». <sup>12</sup>

Com efeito, é como «ele» que se apresenta no texto intitulado “Auto-retrato” <sup>13</sup>, publicado no Diário de Lisboa, a 2 de Fevereiro de 1990, quando Mário Dionísio tinha setenta e três anos (faria setenta e quatro nesse ano), três anos antes de morrer em 1993, com setenta e sete anos. O “Auto-retrato” começa precisamente com a afirmação epítética de que é «um fulano intratável» <sup>14</sup>, o que acentua o «distanciamento» pretendido. Ora, a palavra «fulano» pode ter um sentido informal para designar um «indivíduo indeterminado» ou mesmo um sentido pejorativo para indicar um «sujeito qualquer, sem importância» <sup>15</sup>, e também o adjectivo «intratável» pode apresentar múltiplos significados, desde o que não pode ser «tratado», «cuidado» ou «examinado», ao que é «insociável». <sup>16</sup> Esta incerteza em relação ao sujeito evidencia o esforço crítico do autor para tratar de «longe» o que está «perto» aliado a uma indulgência disfemística em relação a si próprio. Curiosamente, este «fulano intratável» vai associar-se a «outro», Bocage, autor de um soneto como auto-retrato na terceira pessoa do singular, ao dizer:

Meão de altura, como o outro, de cabelo mais escasso do que quem quer gostaria de ter, prognatismo muito acentuado, talvez pelo uso do cachimbo a toda a hora durante anos, é afinal um sujeito bem menos austero do que os que o conhecem mal geralmente supõem. Por baixo daquela exigência toda de rigor e de coerência (perante tudo e todos, a começar por si próprio), uma criança espreira. <sup>17</sup>

Encontramos nesta passagem alguns elementos que se aproximam de traços que já vimos: a «austeridade», a «exigência» e o «rigor». O autor refere mesmo «um desejo de perfeccionismo quase doentio» <sup>18</sup> o que tem uma correspondência manifesta com as afirmações da *Autobiografia*. Há outros pontos análogos, voltando ao poema “Aniversário”: se um verso diz «[c]onsiderar sem apetite o que se vê», o “Auto-retrato” reforça que «come porque tem de ser e só bebe água, detesta demorar-se à mesa» <sup>19</sup>; se outro verso declara que a vida está «já no fim ou no meio tanto faz», o “Auto-retrato” afirma que «morrerá em breve ou daqui a muitos anos» <sup>20</sup>; se o poema termina com «bem saber / como nunca saber o que é conveniente / ou apenas prudente não dizer», as últimas palavras do “Auto-retrato” são: «Resta saber se sim. O mais prudente é esperar». <sup>21</sup>

---

<sup>11</sup> Ibid., p. 64.

<sup>12</sup> Ibid., p. 67.

<sup>13</sup> MD, *Entre Palavras e Cores – Alguns dispersos 1937-1990*, Lisboa, Casa da Achada – Centro Mário Dionísio / Cotovia, 2009, pp. 350-352.

<sup>14</sup> Ibid., p. 350.

<sup>15</sup> *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Lisboa, Temas e Debates, 2003, p. 1815.

<sup>16</sup> Ibid., pp. 2125 e 3570.

<sup>17</sup> MD, *Entre Palavras e Cores*, op. cit., p. 350.

<sup>18</sup> Ibid.

<sup>19</sup> Ibid., p. 351.

<sup>20</sup> Ibid.

<sup>21</sup> Ibid., p. 352.

A mesma inquietação sobre se valeu a pena aparece no poema “Aniversário” («Perguntar se valeu a pena o que se fez / dizer que sim pensar que talvez não»), na *Autobiografia* («Valeu a pena? A vida me ensinou que muito pouco vale a pena, mesmo se a alma nada tem de pequena») e no “Auto-retrato”: «porque, então, talvez não tivesse valido a pena»<sup>22</sup>. Como afirmado antes, esta inquietação está intimamente relacionada com o fazer poético. Na entrevista que dá a Fernando Assis Pacheco, Mário Dionísio declara que, na «luta que houve durante a minha vida entre a escrita e a pintura, [...] a escrita levou sempre a melhor» por ser encarada como um «dever» – e questiona-se novamente: «talvez nem valesse a pena»<sup>23</sup>.

A propósito da referência à pintura, recorde-se um excerto da secção “Um novo amor” da *Autobiografia*:

Mas certa vez alguma coisa me puxou para a varanda da saleta, roendo o meu cachimbo mal queimado [...] e ali fiquei, com os olhos fixos na massa imensa dos telhados de Lisboa trepando para o Castelo, na rua lá em baixo, muito mal iluminada. [...]. Remoía o meu Antero: «Silêncio, escuridão e nada mais». Crise de solidão. [...]. E, então, sai-me esta, sem desfitar o escuro do horizonte muito acima dos últimos telhados: «Se eu pudesse pintar!».<sup>24</sup>

Este momento descrito na *Autobiografia* é fundador de uma nova vontade de expressão. O desejo de pintar surge aliado à poesia, ao verso de Antero – à poesia e ao cachimbo. O cachimbo está bem patente no auto-retrato de 1945, produzido com a técnica de *gribouillage*, altura em que Mário Dionísio teria vinte e oito ou vinte e nove anos. Entre os vários auto-retratos que o artista desenhou ou pintou ao longo da sua vida, destaco o de 1945 por ter o cachimbo, a escuridão e o olhar fito – presentes no momento em que alguma coisa «puxou» o poeta para a pintura.

Mário Dionísio começa assim a pintar, passando de uma fase figurativa para uma fase abstracta: ele próprio escreve que «gostaria de saber explicar(-[se]) as ocultas razões que, a partir de 63, só [o] deixam (até quando?) fazer pintura abstracta?»<sup>25</sup>. É de 1972, o ano em que faz cinquenta e seis anos, uma pintura abstracta com o título *Aniversário*, o mesmo título atribuído ao poema de 1960.

São vários os exemplos de obras que, ao longo do tempo, nas artes plásticas, ligaram a prática do auto-retrato ao aniversário e à idade, dando conta de uma tradição artística de comemoração do aniversário autoral: desde a figuração do rosto acompanhada de inscrições com o nome e a idade, como no caso de Albrecht Dürer,<sup>26</sup> à multiplicidade auto-retratística que testemunha a passagem do tempo, como em

<sup>22</sup> Ibid., p. 350.

<sup>23</sup> MD, *Entrevistas (1945-1991)*, Lisboa, Casa da Achada – Centro Mário Dionísio, 2010, p. 217.

<sup>24</sup> MD, *Autobiografia*, op. cit., p. 44.

<sup>25</sup> Ibid., p. 50.

<sup>26</sup> Alguns auto-retratos de Dürer incluem, além da assinatura e da data, inscrições com a idade, como o de 1500: à esquerda da figuração do rosto, aparece a data – «1500 / AD»; à direita, em latim, o nome, a origem, a indicação de que a «efígie» é dele próprio e a idade, vinte e oito anos – «Albertus Durerus Noricus / ipsum me propriis sic effin / gebam coloribus aetatis / anno XXVIII». James Hall, *The Self-Portrait: A Cultural History*, Londres, Thames & Hudson, 2014, p. 81.

Courbet<sup>27</sup>, passando pela representação do momento celebrativo, como acontece na obra de Chagall.<sup>28</sup>

O aniversário é um pretexto biográfico para a criação de auto-retratos também na poesia, como sugerem algumas composições portuguesas das últimas décadas, além da de Mário Dionísio. Rui Cinatti publica em 1968 o poema “Aniversário”, dedicado ao afilhado António de Avillez, no qual descreve um «dia de anos» com «muita chuva» em que o afilhado «apareceu e teve / [c]onversas graves», levando o autor «[a suster] o ar» e a ouvir «murmurar / mortos que [o] comoveram / no além da [sua] vida».<sup>29</sup> O aniversário é aqui considerado como uma data propícia à emoção e à criação poética, pelos encontros e pelas memórias evocadas. Também David Mourão-Ferreira revela com a sua obra uma vivência atenta à passagem do tempo. Os sonetos «Matura idade» referem num tom violento «o [seu] retrato», quando o «regato [se esvazia] às mãos cheias».<sup>30</sup> O soneto “Equinócio” menciona a «espera» resignada da «Morte» a partir da incerteza aprofundada pela meia idade («a gente não sabe»), acentuando a ansiedade pela repetição anafórica da expressão «Chega-se a este ponto»<sup>31</sup>. Também de Mourão-Ferreira é a «Sextina I ou canção dos quarenta anos», em que o poeta afirma, sobre as incongruências do envelhecimento: «Sou mais novo do que o escândalo em que vivo»<sup>32</sup>. Alberto de Lacerda escreveu igualmente alguns poemas comemorativos da idade. Nos textos “Soneto dos vinte e oito anos” e “Soneto dos trinta e quatro anos”, canta a vida como uma «viagem inesperada», uma «[a]mbígua maravilha», referindo a data («Oito e vinte anos do século vinte. / Vinte dias de Setembro.») e a «ilha», «quase no mar, quase na terra», em que nasceu.<sup>33</sup> No “Soneto dos trinta e cinco anos”, Lacerda fala «da curva / [n]o seu ponto mais alto e mais sombrio», quando a idade é «[c]inco vezes sete», mas termina tentando resistir à angústia da passagem do tempo: «Metade da vida, não do meu ser. / Totalidade minha até morrer».<sup>34</sup> Já o “Enigma para os meus quarenta anos” vem datado de «14 de Set. de 1968», dias antes do aniversário do autor, e, encarando o «desconhecido», declara: «Agradeço / (Mistério) / Quase tudo».<sup>35</sup>

---

<sup>27</sup> Courbet escreve, numa carta a Alfred Bruyas datada de 3 de Maio de 1853, que fez ao longo do tempo vários retratos de si próprio, à medida que ia mudando, e que com isso «escreveu a sua vida»: «J’ai fait dans ma vie bien des portraits de moi, au fur et à mesure que je changeais de situation d’esprit ; j’ai écrit ma vie, en un mot». Gustave Courbet, *Lettres de Gustave Courbet à Alfred Bruyas*, Genebra, Pierre Cailler, 1951, p. 20.

<sup>28</sup> No quadro conhecido como *L’anniversaire*, de 1915, não há a indicação da idade (que seria de vinte e oito anos), mas sim uma representação do momento comemorativo do aniversário, em que a figura feminina segura um ramo de flores na mão. Chagall destaca a importância da emoção e da memória na sua criação artística, referindo, em relação ao instante biográfico em que Bella apareceu com um ramo de flores, o «choque inicial concreto e espiritual» que o leva a alguma «coisa mais abstracta»: «Pour mon anniversaire de 1915, Bella est venue avec un bouquet. Cette réalité s’est transformée aussitôt en moi, une chimie s’est opérée; la mémoire, le souvenir font de même. Monet était fidèle aux arbres qu’il avait devant lui mais qui sont les arbres dont il avait besoin. De même, je pars d’un choc initial concret et spirituel, d’une chose précise et je vais vers quelque chose de plus abstrait.» Marc Chagall, apud François Mathey, *Marc Chagall 1909-1918*, Paris, Fernand Hazan, 1959, s.p.

<sup>29</sup> Rui Cinatti, *Obra Poética*, Lisboa, INCM, 1992, p. 206.

<sup>30</sup> David Mourão-Ferreira, *Obra Poética 1948-1988*, Barcarena, Presença, 2006, pp. 264-265.

<sup>31</sup> *Ibid.*, p. 205.

<sup>32</sup> *Ibid.*, pp. 271-272.

<sup>33</sup> Alberto de Lacerda, *Oferenda I*, Lisboa, INCM, 1984, pp. 141, 385.

<sup>34</sup> Alberto de Lacerda, *Oferenda II*, Lisboa, INCM, 1994, p. 26.

<sup>35</sup> *Ibid.*, p. 232.

Lembrando os títulos de Alberto de Lacerda, Fernando Pinto do Amaral publicou, em 2007, o “Soneto dos 45 anos”<sup>36</sup>. Neste poema, dirigido a um “tu”, o autor inclui uma epígrafe de Francisco de Quevedo, que o último terceto recupera, e alude, possivelmente, a versos de Dante e de Camões, contando a «vida» de «procura [...] / no meio da floresta mais escura», em que a «ferida [do amor] / [...] ainda continua a arder sem cura». Termina anunciando que, perante a morte, ficará «[a]penas o amor, que será só / memória de quem és, do pó ao pó / – cinza talvez, mas cinza apaixonada».

Para concluir, volto a Mário Dionísio e à sua obra. Apesar dos textos e dos desenhos ou pinturas que propõem auto-retratos, não há nenhum poema com esse título. Não obstante, considero que “Aniversário” é isso mesmo: um auto-retrato poético aos quarenta e quatro anos, uma inscrição autoral no calendário biográfico e histórico, ou antes uma inscrição do calendário biográfico e histórico na obra autoral. Em “Aniversário”, a idade e a data aparecem no poema publicado, conseguindo o duplo efeito de um facto biográfico que se inscreve no interior do poema e de um poema que se inscreve numa história de vida autoral. A biografia pede o poema ao mesmo tempo que o poema pede a biografia e, neste sentido, aproveito a proposta de Derrida de que «une date opère comme un nom propre»<sup>37</sup>, inserindo uma marca de individualidade autoral no poema.

Ora, podemos não encontrar uma temática social ou política neste poema, como seria talvez expectável, mas encontramos uma profunda preocupação com a vida e com a passagem do tempo, encontramos um texto que se associa a outros textos, que apresentam uma história biográfica, com leitura (vimos as referências a Pessoa, Antero e Bocage), escrita, pintura, empenhamento político, relacionamento com os outros, necessidade de reflexão e de avaliação.

O título do poema de Mário Dionísio, “Aniversário”, aliado aos dois primeiros versos, «Quarenta e quatro anos Uma vida / já no fim ou no meio tanto faz», e à indicação do ano, «1960», condensa no auto-retrato do autor a inquietação provocada pelo aniversário na vivência do tempo, pela data que regressa no calendário e que é ao mesmo tempo irrepitível. Para salientar essa inquietação, termino com um poema de *Terceira Idade*:

LXXXVII

Acaso interessa  
a data do nascimento  
ou a de agora?

A nossa idade é a do mundo  
A dele a nossa

Ao longe lenta uma carroça  
leva-nos mortos para o fundo  
do tempo

E ele ali mesmo recomeça  
a toda a hora<sup>38</sup>

<sup>36</sup> Fernando Pinto do Amaral, *A Luz da Madrugada*, Lisboa, Dom Quixote, 2007, p. 128.

<sup>37</sup> Jacques Derrida, *Schibboleth pour Paul Celan*, op. cit., p. 33.

<sup>38</sup> MD, *Poesia Completa*, op. cit., pp. 568-569.